



Paulo Pires do Vale, Comissário do Plano Nacional das Artes

A pedra de Exu.

A cultura como aventura

“Exu matou um pássaro, ontem,  
com uma pedra que lançou, hoje”.

Ditado iorubá

1. E se lidássemos com a cultura como matéria viva e incandescente? É assim que deve ser tratada: não como o morto que temos de velar, mas corpo pulsante de sangue e respiração. Objeto de desejo e excitante fecundidade. Em vez de reverência e afastamento, ela pede-nos amorosa proximidade. Um corpo a corpo. Entrega mútua. Disponibilidade. Não apenas um conhecimento descomprometido, mas preocupação apaixonada.
2. E se enfrentássemos o património como uma aventura? Não um território já desbravado, mapeado e seguro. Nem, sequer, algo passado. Ele permanece como urgente presente. Um continente desconhecido, não a certeza assegurada e imóvel que uns (mais velhos e senhores da verdade) devem ensinar a outros (mais novos e meros consumidores). É tarefa infinita, construção interminada, processo de diálogo intergeracional, de criação de sentido em comum. Implica escuta e participação. Luta e resistência. Conflito e negociação. Ou seja: promoção de cidadania. De democracia.
3. E se não usássemos o pretérito perfeito? Há coisas que não podemos abandonar como que fechadas num armário ou já realizadas. O funcionamento da existência é bem mais complexo. O mundo e a vida estão cheios de fantasmas. Precisamos de uma subversão temporal, descolonizar o tempo. Deixar de o pensar como linha de progressão causal, com um princípio, meio e fim. Tudo bem definido, conseqüente e arrumado. Na verdade, o futuro não está apenas à nossa frente, mas atrás de nós. Há muito por redescobrir e promessas por cumprir no passado. Ou traumas por resolver, individuais e coletivos. Fantasmas com quem temos de aprender a viver ou, noutros casos, compreender que eles não existem e, então, desaparecem. O passado tem um futuro - assim saibamos aproveitar, hoje, o presente, para lançar as pedras certas.
4. E se pensássemos a cultura como um gerúndio? Um verbo, não um predicado. O património como acontecimento, uma ação, um a fazer, em vez de julgarmos as artes e os patrimónios como “coisas”. (E não deve ser assim também uma aula? A procura, a investigação, a descoberta comum entre professor e alunos de uma verdade viva em acontecimento: não simplesmente a passagem, a transmissão de algo já morto e inalterável). Em vez de lidarmos com os outros como consumidores, olharmos para eles como colaboradores. Em vez de “fazer para”, “trabalhar com”. Uma mudança de paradigma, na educação e na cultura: da democratização à democracia (cf. Carta do Porto Santo).
5. E se deixássemos de usar a palavra democratização? A linguagem é um campo de combate e o lugar da revolução: a nomenclatura é uma forma política, promove valores e recria o mundo. As palavras são destruidoras ou criadoras - e uma revolução tem de passar pelos conceitos que recusamos, promovemos ou inventamos para moldar uma nova ordem. Afinal, no princípio era o logos. A palavra

“democratização” transporta ainda uma hierarquização paternalista, com boas intenções, entre o especialista que define o que tem valor cultural, o que é importante e deve ser conhecido, e aqueles que consomem o que foi escolhido por outros. A noção de “democracia cultural” institui um paradigma diferente: em vez do ponto de partida ser a desigualdade a ultrapassar, parte da igualdade a confirmar. Afasta-se da menorização do outro, valorizando o que ele sabe, o que é, a sua especificidade cultural, as suas tradições, a sua voz. Para que cada um possa participar na cultura de todos, temos de capacitar e dar condições para que isso aconteça - nesse sentido, é fundamental que se valorizem as especificidades culturais, pessoais, territoriais, e que todos tenham acesso a múltiplas e diversificadas experiências e manifestações culturais, e possam descobrir a forma própria da sua participação ativa. Em vez de “levar cultura” ao território, é preciso dizer que em todo o território já existe cultura: é fundamental valorizar a cultura que aí existe para, depois, poder identificar as expressões culturais que aí faltam e que é necessário colmatar. Ou seja, cumprir a Constituição - que garante não só o acesso à fruição cultural, mas à produção cultural. A cada um ser agente cultural. Um operador estético. Esta subversão política/cultural do lugar do poder (e a democracia exige a partilha do poder, também na área cultural) é a de uma capacitação democrática, de valorização e responsabilização de cada um pela cultura de todos.

6. E se usássemos a palavra cultura sempre no plural? Seria mais exato escrever culturas, para não cair no perigo do reducionismo e na tentativa de tornar o diferente no mesmo. Para não nos arrogarmos a achar os nossos conhecimentos e gostos culturais como o cânone, o modelo e o pináculo a partir do qual avaliamos (e desvalorizamos) outros. É preciso assumirmos, definitivamente, a diversidade como um bem. Sermos saudavelmente omnívoros. Abraçarmos a multiplicidade e não suspirarmos pelo arrogante uno como o bem a alcançar. Também a democracia não é unanimidade: ela é e deve ser conflitual, agónica. A cultura só existe no plural. É o sistema simbólico que atribui sentidos à vida e que se manifesta de formas múltiplas e de modos distintos em diferentes comunidades. Essa rede simbólica, que faz a mediação entre a pessoa e o mundo, permite compreender que o “mundo” seja um “horizonte de possibilidades”, mais do que um conjunto de coisas. Organiza uma mundividência própria, um olhar que cria e transforma o mundo em que cada um, cada comunidade, vive.
7. E se compreendêssemos que a alteridade está já no coração da identidade? Que somos outros, temos outros em nós. Que ninguém, pessoal ou comunitariamente, é sem essa relação com diferentes. Somos mesclados, mistura, impuros. E isso é um bem. Somos o resultado de muitos. A tentativa ficcional de uma identidade forte, pura e segura (quer nacional, quer pessoal) é uma armadilha perigosa. Acolher a fragilidade que somos, abrimo-nos aos outros, é parte da aventura cultural. Da colaboração e criação de comunidade. Por vir, uma comunidade sempre por vir.
8. A cultura exige, também, enquanto aventura, o esquecimento - aparente oxímoro. Não ficar preso ao falsificado e fácil “foi sempre assim”, ao “não se pode fazer de outro modo”. A educação deve ser conservadora, mas sem promover o conservadorismo castrador. Pelo contrário: dar uma herança, mas sem ensinar a enterrá-la na areia. Pô-la a render, com todos os riscos inerentes. Dar raízes e asas (outro oxímoro). Dar um solo seguro, mas para impulsionar o salto.
9. Somos dos velhos que ficam na praia, ou dos que se atiram e arriscam habitar na travessia? Exu é, na religiosidade afro-brasileira dos Orixás, o senhor das travessias. Das encruzilhadas (como Hermes, na mitologia grega, com quem Exu tem outros traços semelhantes). Lugares de perigo, de movimento, de assaltos e encontros que podem mudar a vida. Lugares de aventura - interior, mais do que exterior. De reinvenção e transformação. Exu sabe que o tempo não é linear. Ele lança uma pedra, hoje, e acerta num pássaro ontem. Um mito de uma comunidade não-histórica, expressão de uma outra forma de relação com o tempo. De compreensão da vida como lugar do aberto, em que os diferentes tempos se misturam. De um passado que não determina causalmente o futuro. Basta uma pedra bem lançada. Certeira. E se há pedras que matam, outras libertam de armadilhas.
10. Está a escola a lançar pedras certas? Nas narrativas dos Orixás, quando Exu aparece, vira tudo “de pernas para o ar”. Separa o inseparável, faz cair os poderosos, ajuda os pobres a enriquecer. Numa palavra: indetina. Num sentido positivo, sem as maldades de que o controverso Exu também é capaz, precisamos que a escola seja esse lugar de indetinação. De sublinhar que não há destino traçado. O passado, a condição presente social e económica da família, não podem determinar a totalidade da vida presente e futura. É preciso abrir portas e janelas nesse mundo de cada um que chega à escola. Dilatar o mundo, o horizonte de possibilidades. É esse também o poder das artes e

dos patrimónios: permitem, a cada um, a descoberta de possibilidades de si antes desconhecidas. Desaprender o que julgamos certo.

11. Os patrimónios e o trabalho dos artistas permitem responder melhor ao célebre repto “conhece-te a ti mesmo” - e nesse “ti” está também o mundo, o horizonte de possibilidades em que vivemos como comunidade, a nossa circunstância, os outros e a sua influência em nós. Contrariamente à pretensão de um conhecimento imediato de si próprio, enredado em ilusões, preconceitos e hábitos, a arte e as manifestações culturais são a mediação necessária para o reconhecimento pessoal de cada um e da comunidade que somos (ou que projetamos e sonhamos): é preciso sair de si em direção a essas manifestações culturais que são um depósito da humanidade, para que o autoconhecimento possa acontecer - em vez de ficar a olhar para o seu umbigo.
12. Os educadores patrimoniais, os artistas, os mediadores, os professores, os alunos, os historiadores, os políticos, cada um de nós precisa de saber lançar ao passado as perguntas que ainda não foram respondidas para nos conhecermos melhor como comunidade. Perguntas de hoje e feitas a partir de diferentes lugares e pontos de vista diversos, por pessoas com origens distintas. Sem exclusões. Aí, outros sentidos e descobertas se farão. O património será já outro. Acertaremos em pássaros que, antes, não se viam. Nesse sentido, é preciso aproximarmo-nos do que está perto para escutar o longínquo, e afastamo-nos para o que está longe para daí vermos melhor o que nos está próximo.
13. Se a cultura for experimentada como matéria vital, parte pulsante da sua vida, não como matéria de erudição e conhecimento cinzento a transmitir, os cidadãos lutarão por ela. Precisamos de aprender a transmitir assim a cultura: algo que é nosso, que queremos fazer nosso, em apropriação. Ela é extimidade: exterioridade íntima. Algo que é externo e interior, a um tempo. Nesse sentido, as manifestações artísticas são um laboratório existencial onde não se olha apenas para qualquer coisa que nos é exterior, mas que nos é própria. Mais íntimo que o seu próprio íntimo. Uma segunda natureza, que necessitamos de promover, salvaguardar e transformar, com o mesmo ativismo com que precisamos de lutar pelo ambiente.
14. É necessário tomar consciência de que cada um é um agente cultural, como hoje sabemos que somos agentes ambientais. Cada cidadão deixa (ou não, por omissão) uma pegada cultural. No seu lugar específico. Não é preciso ser artista ou curador, nem sequer adulto, para se ser agente de cultura. Somos já, de forma inconsciente. É preciso torná-lo consciente. Então, teremos muitos mais cidadãos ativistas culturais, a lutar pela cultura no seu Km2, como lutam os jovens, hoje, pelo clima: por ser vital! Conscientes de que a sua vida depende disso. Ativistas pelo ambiente cultural: a cultura pertence-lhes, é parte da sua vida, íntima - como outra natureza. Uma segunda natureza. Mas para isso, não basta conhecer, tratar a cultura como matéria de conhecimento, mas paixão. Nada de grande se faz sem paixão. Como estamos a passar essa paixão?
15. Ao contrário do que tantas vezes insistimos, os jovens não são o futuro, são já o presente e têm uma voz, saibamos nós escutá-la e promover a sua participação. A mudança começa aí, na partilha dos nossos pequenos ou grandes poderes - até do que reconhecemos como património. Como o interpretamos e revitalizamos. Como criamos um sentido comum em comum. Há um papel insubstituível para cada um neste palco, neste jogo, no seu Km2. Um comprometimento a que chamamos cidadania cultural, e que promoverá o desenvolvimento de uma comunidade que compreende que as artes e os patrimónios fazem parte da vida - e não uma via paralela, um luxo só para alguns - e que reconhece que a cultura existe para transformar a existência e não para a decorar.
16. Exu é uma divindade cheia de contradições. Essa ambiguidade também é essencial às artes e ao património em educação. As instituições gostam de assegurar certezas imutáveis, mas as manifestações artísticas (e podemos dizer o mesmo das ciências) existem como lugares de dúvida e disputa, de escândalo e desordem. A escola - a cultura, a sociedade - tem de saber lidar com essa incerteza. Com a exceção, e não apenas com a regra. É esse o encanto e o mistério que nos faz partir à aventura. E partir é sempre um arriscar-se a ganhar ou perder, um aventurar-se: não apenas no mundo, ou na cultura como algo exterior, mas no mais íntimo de si mesmo. Corremos o risco de escutar, num torso, uma voz que nos diz “muda a tua vida!”; enfrentarmos numa encruzilhada uma esfinge que coloca uma pergunta impertinente e vital; ou repetirmos, a dançar pelas ruas da cidade, sem dar conta disso, uma canção que lembra “a beleza de ser um eterno aprendiz” e que a vida “é bonita, é bonita e é bonita”. Sem vergonha.